

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**
UFJF FUNALFA

CANGA

JOSE LUIZ RIBEIRO

FORUM DA CULTURA
MAIO 21H. JUNHO
QUARTA A DOMINGO

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

CANGA

de JOSÉ LUIZ RIBEIRO

Auspícios da UFJF - FUNALFA

1988

RAZÕES DE VETO E VOTOS

José Luiz Ribeiro

"Brasil-espaço 63", "Sinfonia de uma favela", "Lição de Molière", "Guairaká", "Girassinho", "A noite dos duendes", "Mas que papel, seu bacharel", "Girança", "Grito mudo", e, agora, "Canga" é uma lista que narra uma vida.

São textos meus que se tornaram espetáculos que corporificam a vivência do cotidiano e o testemunho do tempo presente. São todos filhos que possuem suas características próprias mas que, inegavelmente, atestam o ato de existir e lutar por uma sociedade mais justa.

Canga foi filho do acaso, nasceu, mas uma vez, da necessidade de se discutir um momento. Não é um texto gerado na solidão do autor, amadurecido entre quatro paredes e entregue à encenação depois de longo tempo; ao contrário, nasceu da precariedade de textos que pudessem discutir a escravidão, opressão e dominação de hoje; do princípio da abstenção que gera a omissão e, conseqüentemente, a submissão.

Estamos apresentando um painel onde, rapidamente, mostramos exemplos para se discutir e se pensar. O papel do escravo, hoje, mascarado sob outros nomes, está aí como exemplo a ser extirpado da sociedade moderna.

Ao discutir o tema, em pleno ano que comemora a **Abolição da Escravatura** examinamos razões e formas de dominação. Procuramos mostrar a necessidade de participação política como atividade educativa que gera uma sociedade melhor. Para isso nos debruçamos na janela da História e pinçamos alguns momentos que julgamos significativos. Reajustamos as cenas, de forma ficcional e pedimos emprestadas algumas palavras e pensamentos que nos ajudam a argumentar nestes tempos difíceis em que tudo é relativo; onde uma hora se defende eleição direta e em outra se defende a não consulta à vontade popular.

A preservação da cidadania passa pelo direito à informação, à educação e ao bem estar do cidadão que tem, inegavelmente, o direito de ajudar a traçar os rumos da "pólis". Nosso texto passa pelo distanciamento brechtiano e as narrativas foram, propositalmente, colocadas com a finalidade de unir o painel de forma comentada e opinativa.

Nossa proposta é o debate sobre o tema cidadania. O direito do cidadão índio, mulato, negro, branco, homossexual, padeiro, leiteiro, médico, prostituta, burguês ou proletário. Nosso debate abrange os direitos e deveres de um homem que vive num mundo pós moderno e habita uma relação de poder primitiva.

O teatro, como expressão social, é um centro vivo de debates onde o homem é sublimado e o mundo julgado. É um ato de expressão de informação onde a educação se mostra como veículo transformador. Este texto é uma pequena contribuição para se pensar a evolução da humanidade, da tecnologia e da dominação. É para parar e pensar que há cem anos atrás o Brasil era a última nação de porte, em tamanho, é claro, a abolir o trabalho negro.

Nosso texto, de maneira sutil, mostra que a história do Brasil se assentou sobre o trabalho escravo. Que os Jesuítas, nas missões também o fizeram, sob o pretexto da evangelização. Mas tudo isso dialoga com D. Helder Câmara, Milton Nascimento, Chico Buarque e outros nomes importantes que ergueram sua voz em defesa dos oprimidos.

Estamos transmitindo informações, para gerar a discussão, a reflexão e o debate vivo, peça fulcral para o nascimento da democracia. Sabemos que "o esvaziamento da informação é a institucionalização da marginalização política e explica o reaparecimento periódico das ameaças fascistas, que prometem formas mágicas de participação popular negadas pela impotência dos partidos e pelas cerimônias parlamentares" e por isso lutamos, através do teatro, pela democratização dos meios de informação.

Esta obra foi criada na argamassa dos atores, dentro do forno do palco e temperada com o "suor de nossos rostos", assim devo, por uma questão de fidelidade, dizer que cada cena foi testada ao sabor dos ensaios e agora que, em contato com o público, procuramos ver erros e acertos o trabalho do Grupo Divulgação foi fundamental para o nascimento do texto, escolha do tema e compromisso com a participação na luta da mudança social.

Canga foi nome de batismo, dado por Malu, parceira e navegadora de tantas viagens por mares tenebrosos e nunca dantes navegados, numa copiosa lista de 18 nomes. **Canga** é o instrumento que se ata aos bois, para o trabalho e roupa leve usada nos Quilombos. **Canga** é um ato de amor, paixão e ira santa. Gerada no ventre das madrugadas, alimentada em horas tardias da noite e corporificada na carne de pessoas amadas que me emprestaram corações e mentes para criar esta réstia de vida que se convencionou chamar espetáculo teatral.

Aos companheiros de viagem, desta e de outras, dedico este momento fugaz, enorme em sua grandeza e belo por sua finalidade. Aos bairros, Miriam, Reginaldo e uma procissão infinita de nomes não nomeados, mas lembrados. Àqueles que com seu nome nos defenderam, em abaixo-assinados, contra a ameaça ao nosso trabalho. Aos que, como eu, têm o mesmo gosto e travo de sangue na boca.

LIBERDADE: UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA

Márcia Falabella

13 de maio de 1988. Os jornais estampam manchetes sobre o centenário da Abolição da Escravatura no Brasil. Parece que foi ontem que das senzalas desabrochou em flor a liberdade. Por outro lado, parece que nada aconteceu. O Brasil está habitado por corações negros humilhados, andando errantes pela paisagem sombria do seu (sub)desenvolvimento.

Cala a liberdade. Fala mais alto a pobreza, o desemprego, a injustiça, o preconceito e a falta de respeito. A raça negra está reduzida, em sua maioria, a empregadas domésticas, a serventes de pedreiros ou a atividades similares. São subestimadas sua inteligência, sua capacidade e sua sensibilidade; sua condição de ser humano.

"O tráfico não é menos velho, nem menos generalizado que o cativo; as mais antigas reminiscências da raça negra, como as tradições magníficas do Egito e da Fenícia, os poemas dos Helenos e dos Romanos, as lendas bíblicas, os recordos longínquos do mais obscuro passado, as memórias da média idade, os documentos da história moderna e as narrativas de viagens contemporâneas desenham na tela dos tempos os quadros do comércio servil, o rastro das caravanas de escravos, perdido através dos areais desertos da África e do Oriente"¹

Uma lenda indígena sobre a criação do mundo diz que Moná criou o céu, a terra, os pássaros e outros animais. E que essa terra era uma planície sem montanhas nem mares, pois tudo isso surgiria depois. Os povos viviam em paz, gozando os benefícios da obra do criador. Até então, todos falavam uma só língua. Mas tudo isso se perdeu, quando do homem brotou o desejo de ter o mundo nas mãos. Daí, pintou em cores vivas e em fortes chibatadas a escravidão, através da luta pelo poder, da desigualdade de classes.

Perguntar quem inventou tudo isso é perguntar se o ovo vem antes da galinha e vice-versa. Ser escravo é uma qualidade inerente a todos nós. Somos escravos da cultura que nos cercea, do modo de produção que nos define, do tempo, do trabalho, das leis, do preconceito, do medo, da discriminação, de governos ilegítimos, da corrupção, dos nossos sentimentos e emoções, disso e daquilo ... eternamente servidores do mundo na luta contra a morte, na briga pela vida.

Vários países já festejaram sua abolição, mas o Mar Vermelho abriu-se e a escravidão não acabou para os filhos de Israel; na África do Sul vigoram as leis sombrias do Apartheid; índios são tirados de suas terras; judeus foram desumanamente exterminados em campos de concen-

A CANGA DA ESCRAVIDÃO E DA LIBERDADE

Carlos Pernisa Júnior

tração e são perseguidos até hoje, em todo mundo; negros são barrados em entradas de boates e só andam no 'elevador de trás'; só entram ou saem pela porta de serviço.

"Preto quando não suja na entrada, suja na saída", "Sabe quando o preto pisa no branco? Quando atravessa a rua na faixa de pedestre"; "Sabe quando preto anda de carro? Quando está dentro do camburão"; "Sabe por que preto come chocolate branco? Pra não morder o dedo". E por aí vai. É uma extensa lista de piadinhas. Numa brincadeira de mau gosto é traçado o perfil do preconceito brasileiro. Para comemorar o fim da escravidão, precisamos primeiro abolir essas idéias de nossa alma branca. Muito embora o preconceito não percorra apenas vias unilaterais. Quantas vezes o próprio negro é o agente da discriminação?

Carta de Alforria e leis não são sinônimos de liberdade. Constituinte não é sinônimo de democracia, honestidade e responsabilidade. Quem pode dizer que somos uma nação livre? Vivemos num mundo aprisionado em grilhões de cobiça, de falsidade e de egoísmo. Ganhar uma batalha não significa vencer a guerra. "Ser livre é trabalhar e vigiar e poder continuar senhor de si. Quem procura na vida só o que é doce, não vai ter nem doce nem fel, vai ser vazio e sem resina, homem perdido pra vida, escravo no fato e na verdade."²

Canga é instrumento de jugo, de opressão, símbolo da escravidão. Onde vão atrelados os bois e os escravos, animais sem distinção. Imagem da tortura e da submissão no passar dos tempos e em todos os tempos. Canga, prende os homens na sua passividade de bois mansos.

E é com essa força de simbologia que o Grupo Divulgação entra em cena com sua "Canga", de José Luiz Ribeiro, que também dirige o espetáculo. Todas as palavras que falem sobre a dominação e o jogo de poder serão poucas frente ao potencial de significação da encenação. Cada detalhe, cada cor, cada roupa assumem um novo papel, um detalhe a mais para compor um texto bem desenvolvido, durante os noventa minutos do espetáculo. Assim, "Canga" é uma dimensão maior do que a simples história da escravidão através dos tempos. Da aparição do feiticeiro todopoderoso ao domínio encoberto por falsas máscaras de nossa época, podemos notar a profundidade do texto e a força da encenação, ultrapassando expectativas de mais uma defesa do negro, de um grito de libertação de uma raça. "Canga" é um grito, mas não de raças específicas, não de crenças ou religiões, é um grito de todas as vozes que querem justiça, igualdade e fraternidade mundiais. É D. Hélder Câmara e Castro Alves, Milton Nascimento e Luís da Gama; é Zambi, Zumbi, Palmares; é Jesus Cristo, Martin Luther King; é a voz daqueles que ficaram muito tempo em silêncio, submetidos à opressão de dominadores loucos e desumanos.

Além disso, o espetáculo traz uma série de identificações com a História, feitas não pela ligação direta do texto com a ação. Elas vêm, muito sutilmente, das cores que se combinam nas cenas curtas, televisivas. O cenário azul do ar, da memória, da morte de Ganga Zumba, das histórias que não são contadas por aqueles que fazem a cultura oficial. O verde do quilombo, da natureza pacífica do início dos tempos, das terras dos índios, sem portugueses. O vermelho dos conflitos, das guerras, do "Navio negreiro", dos açoites. Os tons avermelhados da opressão, do fogo que arde, que queima a pele dos dominados. Os figurinos se misturam mostrando o verde e o amarelo dos índios do Brasil, ladeados com o vermelho da influência portuguesa e da Igreja. Deixam também passar, nas entrelinhas, uma bandeira portuguesa nas vestes da Princesa Isabel de verde - e de uma condessa brasileira - de vermelho. Os tons fortes das vestes das negras do quilombo também são indicações de uma ligação com a África, uma volta às raízes que vão sendo perdidas nos anos de escravidão. É o branco das mucamas já é o elemento de fusão de culturas

(1) Rui Barbosa

(2) Arena Conta Zumbi

européias e africanas.

Também o tipo de roupa denota uma época, uma situação particular. O macaco feiticeiro coberto com um manto esconde seu rabo, se faz diferente dos outros e adquire o poder. O teatro grego é simbolizado nas vestes brancas e compridas dos narradores da história no início da encenação. Depois é a época do Renascimento, das grandes descobertas, do "Novo Mundo", a lã e as boinas entram em cena e dão passagem às malhas das roupas atuais. No final, uma profusão de cores e de estilos nos figurinos. É a hora da mistura e também de deixar claro todo o tempo de dominação pelo qual a humanidade passou e ainda passa.

Mas a canga também é um tipo de veste, muito usado pelos povos africanos. São roupas coloridas e características da região: uma África livre e festiva. Canga, então, pode ser a lembrança da terra de origem, pode ser a simbolização da liberdade. A alegria do ser livre, com um espaço próprio, sem uma dominação. "Canga", o espetáculo, também é o signo da libertação, um grito e uma denúncia. É também o silêncio, a ponta de dúvida e de responsabilidade de cada um. Clamor mudo de uma multidão unitária.

IMPRESSÕES

Gisele Cid

Um espetáculo de emoções. Tanto para quem vê, quanto para quem faz, muito para quem sente. Indescritível. A difícil tarefa de contar a estória da História da opressão. Canga. Do macaco ao romano, do romano ao negro, do negro ...

Um princípio sem fim. A estória não acaba. Quem vai ser a próxima vítima da fome de lobo que o homem tem? A pergunta fica no ar, suspensa na respiração sôfrega da platéia. E agora? Eu e o meu silêncio. Aplausos ... Parar para pensar. Zumbi morreu. Palmares já não existe mais. Recomeça a agonia de uma raça. Emoções.

Mais do que comemorar o Centenário da Abolição: refletir sobre o homem escravizando o homem, em qualquer e todo o tempo. No (pau-) Brasil das colônias e senzalas, o índio e o negro dividem as correntes que os prendem ao homem branco. O humor na hora e na dose certas; o trágico envolvido pela sensibilidade da palavra, do gesto e da luz.

Camões, Caminha, Castro Alves e o Navio Negreiro. Os Lusíadas, a Carta, a Primeira Missa e o barco que navega ao balanço das ondas e ao som dos gemidos. A Corte. A Canga. Zumbi é rei nos braços negros que o carregam sem vida. Massacre e alforria, alforria e "liberdade". Princesa Isabel, a alegria durou pouco, as pessoas não aceitaram o negro. Ganga Zumba, seus filhos viraram tema de escola de samba. A História explica o passado e ameaça o futuro. O silêncio cala a reação.

A Canga grita alto, mistura os fatos, balança as correntes e conta a estória.

O teatro do Divulgação mostra uma face nova; o mágico aparece nas cenas mais reais, fatos coloridos pela imaginação de José Luiz Ribeiro. Emoções. Dunga Tara Sinherê. Zumbi. Palmares. Axé. Canga, nunca mais ...

DIVULGAÇÃO: UM IDEAL

por José Márcio Carvalho de Souza

Há vinte e dois anos atrás, surgiu na cabeça de um grupo de pessoas uma idéia. Uma idéia não, um ideal. Estas pessoas iniciaram uma centelha que se transformou em uma chama e perdura até hoje. Durante todos estes anos o Grupo Divulgação nos ensinou, educou e fascinou. Fascínio este, que muitas crianças ainda têm em mente mas que em outras frutificou e fez brotar uma semente. Eu sou uma delas.

Era mil novecentos e oitenta e um, mais precisamente setembro, e voltava a minha realidade, fascinado com o novo, o moderno. Tinha, então, dezesseis anos e chegava de uma viagem de nove meses no exterior. Pela primeira vez, havia ficado tanto tempo longe de casa, da família e dos amigos. Alguma coisa havia mudado em mim e eu, como bom geminiano que sou, queria fazer cada vez mais coisas.

Fui matriculado no colégio Magister o que novamente veio a representar o novo em minha vida, já que durante anos fora educado em colégio de padres. E com alguns meses de colégio, fui reapresentado ao teatro, que não é nada de novo, mas não sei porque me interessei por ele. O espetáculo era "Cobra Norato" de Raul Bopp, um poema antigo, grande e chato! Quando assisti à montagem do Grupo Magister de Teatro, fiquei maravilhado com tanta beleza e modernidade. Que magia é esta? Era o teatro me pegando pelo pé.

A minha primeira experiência com teatro, não foi lá das mais agradáveis. O espetáculo era a "Onça de Asas", o ano 1976 e lá ia eu carregado pela Bã rua afora. Chegamos cedo para garantir uma boa poltrona, só que no local errado! Estávamos na antiga Faculdade de Odontologia, e não na de Direito! Mais outra correria nas mãos da minha educadora e chegamos ao Forum da Cultura com o espetáculo já começado. Fim do espetáculo e eu subo ao palco para me encontrar com meus ídolos mais próximos:

- Puxe o rabo do macaco! me disse o Leão. Prontamente obedeci e tomei a maior bronca da minha vida! Até hoje me lembro, como não sendo Leão nem macaco, enfiei o rabo entre as pernas e pedi para ir embora.

Como sempre aprendi que antes se deve experimentar para depois opinar, resolvi tentar. Fazendo o verbo de Maria Clara Machado virar carne, estreei em "Tribobó City" totalmente fascinado. E gostei.

O ano seguinte era o ano da escolha. Que carreira seguir? Será que já posso encarar o Divulgação? Decidi por fazer Economia e teatro. Mas

como "ano de vestibular é um ano atípico" tive que abrir mão do teatro e deixei a promessa de voltar. - Tudo bem, disse o Zé Luís com aquela sinceridade que só vim a conhecer anos depois. Foi o empurrão que eu necessitava e resolvi encarar como um desafio.

Cumpri minha obrigação social: passei no vestibular e comecei a vencer meu desafio. Retornei ao Divulgação e comecei a me integrar. O que para mim não foi muito difícil, pois apesar de encontrar pessoas muito diferentes das que eu estava acostumado a conviver, a minha facilidade de fazer amigos prevaleceu.

E a cada semana, novas descobertas, muito aprendizado e acima de tudo muitas responsabilidades. Aprendi que as armas do ator são seu corpo e sua voz. Hoje eu sei que o Grupo Divulgação é uma escola, não só de teatro mas para a vida. Aqui se aprende de tudo um pouco e o que é mais fascinante, tem-se a oportunidade de ensinar.

Com o tempo veio a evolução gradual e cada vez mais o amor. Com as viagens levando o nome do grupo e da cidade pelo Brasil afora, ainda hoje após estes anos não consigo entender o que muitas pessoas insistem em não ver. Nós só queremos fazer teatro. Mais nada. A nossa intenção não é incomodar, mas como a história já nos ensinou, muitos se aborrecem com a felicidade alheia.

O que leva um jovem a ocupar todas as suas noites e fins de semanas com teatro e não com lazer? Quando me perguntam isto eu respondo com o Nardi, o Klestakov, a gorda, o tião, etc. ... É paixão! Não esta coisa mesquinha e egocêntrica e muitas das vezes falsa, mas uma dedicação incondicional. Quando o público se levanta e aplaude por ter assistido a uma coisa linda, saiba você que é público, que esta beleza está dentro de cada um em cima do palco. É um tesão meio esquisito, mas muito gostoso, porque às vezes nos preparamos durante meses simplesmente por uma noite e um gesto. O aplauso. Acima de tudo o que mais importa para nós é o público.

São muitas coisas que nos levam a encontrar a felicidade. Ser ovacionado de pé num grande centro como São Paulo por cinco minutos ou debater durante meia hora com pessoas de uma comunidade da periferia. A sensação é a mesma. É o teatro mexendo com as pessoas e é isso que nos faz querer cada vez mais e mais. Nadamos contra as corredoiras o tempo todo e cada vez nos sentimos mais fortes.

Hoje estou contaminado. Padeço de um mal terrível no mundo atual. Sou um idealista. Pena que a grande maioria das pessoas não sejam capazes de perceber uma coisa tão simples e tão bonita. Eu visto a camisa, faço grades e luto. Estamos aí.

Centro de Estudos Teatrais

Grupo Divulgação

apresenta

CANGA

José Márcio de Souza	Orador I, Ator 6, Pastor, Pero Vaz Caminha, Domingos Jorge Velho, Conde, Embaixador, Homem-Macaco e Escravo
Cursi Jr.	Orador II, Cabral, Bispo, Abolicionista e Escravo
Flávio Mattos	Castro Alves, Popular, João Fernandes, Escravo e Abolicionista
Renata Paiva Pessôa	Ator 1, Povo e Escrava
Augusto França	Ator 2, D. Manuel, Escravo, Povo, Abolicionista e Tocador de Violão
Uilde Melo	Ator 3, Chica da Silva, Escrava e Povo
Carmem Lúcia de Paula	Ator 4, Escrava, Povo e Mucama
Marise Mendes	Ator 5, Escrava, Povo e Mucama
Larissa Rodrigues	Ator 7, Escrava, Povo, Mucama e Macaca
Arlete Heringer	Ator 8, Patrícia Romana, Macaca, Índio, Burguesa e Princesa Isabel
Nilma Raquel	Ator 9, Macaco, Patrícia Romana, Índio, Mulher, Viscondessa, Povo e Escrava
Luiz Fernando Rocha	Pregador, Zumbi, Povo, Índio, Macaco, Abolicionista e Escravo
Márcia Falabella	Macaco, Povo, Escrava, Abolicionista e Índio
Heber dos Santos	Padre, Bispo Sardinha, Colono, D. Ayres, Deputado, Barão de Cotegipe, Povo e Escravo
Maria de Fátima Amorim	Povo, Mucama, Índio, Macaco e Escrava
Alice Freesz	Povo, Mulher, Burguesa, Condessa, Macaco e Escrava
Angelo Moraes	Colono, Macaco, Povo e Escravo
Nice de Paula	Mucama, Povo e Escrava
Aleyse Gramigna	Índia, Macaca, Mucama, Povo, Solista de Leilão, Nagô e Zambi
Operação de Luz	Nonato Esteves
Operação de Som	Sirlene Magalhães
Administração	Virgínia Fonseca
Figurinos	Malu Ribeiro, Lucas do Amaral e José Luiz
Texto, Cartaz e Direção	José Luiz Ribeiro

**Grupo Divulgação
trabalhos apresentados**

espetáculos antológicos:
amor em verso e canção
o homem do século XX
antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto
coral universitário
belmiro, murilo, pedro nava
camões
a menina casadoira, de ionesco
pic-nic no front, de arrabal
sganarello, de molière
lição de molière, de josé luiz ribeiro
a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval
manuel bandeira, do brasil, de malu ribeiro

departamento de teatro infantil:

A Onça de Asas
Circo de Bonecos
Estória de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho
Sonho Pirata

walmir ayala
oscar von pfhul
ilo krugli
gabriela rabelo
josé luiz ribeiro
maria clara machado
josé luiz ribeiro
sylvia orthoff
zuleika mello
josé luiz ribeiro
maria helena kuhner
josé luiz ribeiro
ana maria machado
líliana neves

Outros espetáculos:

cancioneiro de lampião
o urso
bodas de sangue
electra
diário de um louco
pequenos burgueses
a visita da velha senhora
escola de mulheres
escurial
romanceiro da inconfidência
maria stuart
a morta
o patinho torto
yerma
seis personagens a procura de um autor
as criadas
arlequim servidor de dois amos
calígula
guerra mais ou menos santa
pedreira das almas
só o faraó tem alma
o beijo no alfalto
mas que papel seu bacharel
o estado de sítio
boca do inferno
a mandrágora
o rei da vela
como se fazia um deputado
dr. getúlio, sua vida e sua glória
o jardim de cerejeiras
esta noite se improvisa
o inspetor geral
fausto
girança
a casa de bernarda alba
grito mudo
as aventuras do tio patinhas
a aurora de minha vida
canga
nertan macêdo
anton tchekhov
federico garcía lorca
sófocles
nicolai gogol
máximo górkí
friedrich dürrenmatt
molière
michel de ghelderode
cecília meireles
friedrich von schiler
oswald de andrade
coelho netto
federico garcía lorca
luigi pirandello
jean genet
carlo goldoni
albert camus
mario brasini
jorge andrade
silveira sampaio
néelson rodrigues
josé luiz ribeiro
albert camus
marcus vinícius
maquiavel
oswald de andrade
frança júnior
dias gomes e ferreira gullar
anton tchekhov
luigi pirandello
nicolai gogol
johann wolfgang von goethe
josé luiz ribeiro
federico garcía lorca
josé luiz ribeiro
augusto boal
naum alves de souza
josé luiz ribeiro

AGRADECIMENTOS

Prof. Sebastião Marsicano Ribeiro
Magnífico Reitor da UFJF

Profa. Maria José Féres Ribeiro
Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Dr. Antônio José Cedrola
Departamento de Assuntos Comunitários

Profa. Leila Fonseca Barbosa
Gerente de Atividades Culturais da PROAC

Profa. Marisa Timponi
Gerente de Cultura da PROEP

A Imprensa Universitária

Dr. Reginaldo Arcuri
Superintendente da Funalfa

Meios de comunicação e aos que acreditam que
"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"
(Lorca)